

Mário de Andrade e Monteiro Lobato: um diálogo modernista em três tempos

Marisa Lajolo

Resumo Através de correspondência trocada entre Monteiro Lobato (1882-1948) e Mário de Andrade (1893-1945), o artigo discute diferentes aspectos da cena literária brasileira da primeira metade do século xx. **Palavras-chave** Epistolografia; Modernismo; Mário de Andrade; Monteiro Lobato; Manuel Bandeira.

Abstract Through letters exchanged between Monteiro Lobato (1882-1948) and Mário de Andrade (1893-1945) the article discusses different features of the Brazilian literary scene in the first half of the 20th century. **Keywords** Epistolography; Modernism; Mário de Andrade; Monteiro Lobato; Manuel Bandeira.

Mário é um grande crítico. Mário é notabilíssimo. Mário, pelo seu talento sem par [...], tem direito a tudo, até de meter o pau [...] em mim.

Monteiro Lobato (1939)¹

Nada me impede que eu guarde do sr. Monteiro Lobato uma ternura imensa. Soube ser superior aos meus despeitos e me deu o “Prefácio interessantíssimo”

Mário de Andrade (1940)²

1. No jornal *O Estado de S. Paulo* de 20 de dezembro de 1917, Monteiro Lobato – então com 35 anos de idade – publicou matéria sobre a exposição de uma jovem pintora, recém-chegada da Alemanha: Anita Malfatti. Com o título *Paranoia ou mistificação?*, o artigo fez história: a história que todos conhecemos registrada hoje em livros e sites de literatura, onde Monteiro Lobato figura como conservador empedernido, insensível à vanguarda.³

1 NUNES, Cassiano (Org.). *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM propaganda/Record, 1986.

2 *Diário de Notícias*, 26.05.1940. In: ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas por Sonia Sachs. São Paulo: Edusp/ Hucitec, 1993, p. 197-8.

3 Na mais recentemente (re)lançada história panorâmica da literatura brasileira, a *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio (Rio de Janeiro: Nova Aguilar/ Lacerda Editores/ Academia Brasileira de Letras, 2004, 2ª ed. revista e ampliada), o autor de *Urupês* é apresentado como “[...] inimigo dos ‘ismos’, no qual (sic) fareja o decadentismo burguês, romântico a seu modo em seu programático antirromantismo, na defesa da boa causa, quando em 1922 estoura em São Paulo a revolução modernista (que, no entanto, muito lhe deve, ainda que apenas no plano da destruição) está entre os opositores: em nome do bom senso e do bom gosto burguês” (p. 397). Sites de literatura, voltados para estudantes do ensino fundamental e médio, reproduzem o mesmo juízo crítico: “Lobato fora, desde o início de sua carreira, um pré-modernista. Irritado com os padrões oficiais de educação e cultura, desvinculou-se das normas padronizadas da literatura, criando um estilo livre, avançado, valorizando a cultura nacional e discutindo temas voltados internamente para os problemas brasileiros. Ao contrário do que se imagina, Monteiro Lobato não foi à exposição de Anita Malfatti. Não viu nada e não gostou do que não viu. Mas, em artigo virulento, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, depois de criticar as extravagâncias de ‘Picasso & Cia’, o escritor assentou as baterias contra Anita, esperando que as balas ricocheteassem, atingindo seu alvo principal, que eram os modernistas, companheiros da pintora”. <http://www.pitoresco.com.br/brasil/anita/anita.htm> (consulta em 26.02.2007). Ou então: “[...] o próprio Lobato assumiu uma postura antimoderna ao criticar, com o artigo ‘Paranoia ou mistificação?’, a exposição de Anita Malfatti, realizada em 1917. Além disso, Lobato fez questão de não participar da Semana de Arte

Com efeito, nesse artigo, o criador do Jeca assume sem reboços o desacordo – que manterá por toda a vida – com algumas vertentes do que vai ser considerado *o modernismo*:

[...] Sejam sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e *tutti quanti* não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma ideia, mas sim desnortear, apavorar o espectador.⁴

O artigo tornou-se famoso, sacramentado pela história literária como ponto de partida dos desentendimentos entre Monteiro Lobato e o grupo de jovens artistas e intelectuais que, cinco anos depois, em 1922, protagonizariam a paulistana Semana de Arte Moderna. Com *Paranoia ou mistificação?*, Monteiro Lobato entrou na contramão de uma vanguarda ruidosa, que tinha a seu dispor um bom poder de fogo. Ligados a uma vertente esclarecida da burguesia paulista, os protagonistas da célebre Semana desfrutaram de capital simbólico crescente, que lhes rende juros consideráveis. E por longos anos seu projeto estético será identificado pela crítica e pela história literária como o projeto paradigmático do Modernista brasileiro.

Monteiro Lobato, no entanto, ao publicar o artigo sobre Anita Malfatti num jornal com o prestígio de *O Estado de S. Paulo* também se revela detentor de um cacife bastante razoável para a “cidade das letras” brasileira⁵ do ano de 1917.

Vem daí, talvez, o caráter emblemático do artigo e da discussão que ele gerou, tendo-se construído sobre o *affair* um capítulo importante da história da literatura brasileira. Hoje, quase um século depois do bate-boca, estando já o Modernismo corroído pelos *pós* e outros tantos *ismos* que se lhe seguiram, talvez seja tempo de observar que divergências de pressupostos estéticos e diferentes credos artísticos

Moderna de 1922”. <http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatura/pre-modernismo/lobato.htm> (consulta em 26.02.2007).

4 Apud BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro* (I) Antecedentes da Semana de Arte Moderna. 2ª. ed. revista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.52-6.

5 RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

não impediram que alguns dos protagonistas da polêmica continuassem a se relacionar, esbarrando-se volta e meia pelas esquinas da cidade letrada.

É de alguns desses *esbarrões* que trata este texto.

Se em 1917 as obras da exposição de Malfatti foram consideradas pelo crítico Monteiro Lobato como fruto de “sugestão estrábica de escolas rebeldes [...] frutos de fim de estação bichados no nascedouro”,⁶ é a esta mesma artista que, em 1922, o editor Lobato encomenda capa para *Os condenados* e *O homem e a morte* – livros, respectivamente, de Oswald de Andrade e de Menotti Del Picchia. As duas obras foram lançadas no mesmo ano da ruidosa Semana de Arte Moderna de São Paulo, pela Monteiro Lobato & Cia, editora de propriedade de Monteiro Lobato.

O episódio merece atenção e sugere re-exame da hipótese – corrente na história literária oficial – de uma ruptura radical entre Monteiro Lobato e os modernistas. Da perspectiva da história da pintura e das exposições paulistanas tal re-exame foi levado a cabo de forma convincente e competente pelo excelente *Um Jeca nos vernissages paulistas*, de Tadeu Chiarelli⁷

Aos tópicos que fundamentam a discussão proposta por ele para as artes visuais, pode-se talvez apenas acrescentar uma outra e minúscula observação: para desqualificar a linguagem pictórica de Malfatti, Monteiro Lobato acaba valorizando a linguagem da caricatura, denominando-a *arte: arte caricatural*. Seu fascínio e respeito por esta linguagem já se manifestara em artigo escrito para a *Revista do Brasil* em 1918. Em 1932, em seu livro *América*, Lobato não apenas menciona com admiração a presença da caricatura na imprensa norte-americana como reproduz caricaturas em seu livro, o que sugere que se preocupou em recortá-las, guardá-las e trazê-las de Nova Iorque.

Mas, de qualquer forma, ao ler na exposição de Malfatti uma transposição desta linguagem caricatural para outro código, ele lê, igualmente, como efeito de sentido desta transposição *desnortear* e *aparvalhar* o espectador. Com tais leituras, Monteiro Lobato passa recibo do efeito da obra de arte moderna conseguido pela exposição da jovem artista. *Desnorteio* e *aparvalhamento* dos espectadores cumprem o desiderato modernista tão bem expresso por Manuel Bandeira em “Nova Poética”, poema datado de maio de 1949.

6 Ibidem, p. 52.

7 CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages paulistas*. São Paulo: Edusp, 1995.

[...]

Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e
[na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o paletó ou a calça
[com uma nódoa de lama:
É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:
Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.[...]⁸

2. É, então, cheio de arroubos o encontro, em 1917, entre Monteiro Lobato e os futuros modernistas.⁹ Mas a relação prossegue e alguns de seus lances podem cartografar um sistema literário¹⁰ bem mais complexo do que uma oposição binária de dois campos em que se confrontam – de um lado – modernistas e – de outro – pré-modernistas. Talvez seja hora de multiplicar categorias e falar de *modernismos* e *modernistas*. Em *todas as frações*, como disse Manuel Bandeira das virgens do carnaval carioca.

A multiplicação de categorias exige um cenário mais amplo.

Enquanto sistema, a literatura brasileira já estava definitivamente consolidada ao final do século XIX: o surgimento de editoras, de instituições letradas e, sobretudo, o aumento do número de brasileiros alfabetizados capazes de configurar um público leitor dão à literatura o estatuto que cada vez mais ela terá – uma mercadoria à procura de seu mercado.

É na alteração de modos e de bases técnicas de produção que se delineiam outros modernismos, outras manifestações de modernidade que podem tirar do grupo

⁸ BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira (Belo belo)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966, p. 201.

⁹ O Fundo Monteiro Lobato, do Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, é constituído por documentos do escritor lá depositados pelos herdeiros. O site <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato> disponibiliza alguns desses documentos bem como a listagem completa deles. Sob o código MLb 3.2.00206 cx4 o CEDAE guarda uma carta de Oswald de Andrade para Monteiro Lobato datada de 12 de janeiro de 1916.

¹⁰ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 2ª ed. rev. São Paulo: Livraria Martins Editora. 1º. vol.

paulista reunido em torno à Semana de Arte Moderna de 22 a grife de exclusividade com que o vem distinguindo a história literária canônica – projeto ambicioso que se iniciou contemporaneamente à própria Semana e se realiza por diferentes formações discursivas, de livros didáticos à crítica militante.

Em 1933, Estevão Cruz, em sua *Antologia da língua portuguesa*, puxa a fila. Seu livro (*para uso dos alunos das cinco séries do curso de Português*) transcreve trechos de *Macunaíma* e de *Clã do jabuti*, numa admirável – e rara no discurso didático – atenção à literatura contemporânea sua:

Não tivemos o propósito quando tratamos o movimento “Modernista” de historiar todos os fatos que o traduzem: apenas nos foi possível apresentar as figuras que se nos apresentam mais representativas [...]¹¹

Esta escolarização do modernismo paulista apenas onze anos depois da Semana de Arte Moderna, seis depois de *Clã do jabuti* e cinco de *Macunaíma* sugere que a ideia de *movimento* já havia ganhado força, habilitando-se, portanto, o modernismo a constituir matéria de um livro escolar, espaço por definição dos *clássicos*.

Também na crítica militante, o modernismo cedo se consagra como *movimento*.

No dia seguinte ao encerramento da Semana de Arte Moderna, Oswald de Andrade, pelas páginas do *Jornal do Commercio*, proclamava que “[...] o movimento não pode mais ser chamado futurista nem paulista. Trata-se de um movimento nacional, violento e triunfante e no qual se empenham reputações formidáveis”.¹²

Para o Mário de Andrade de 1939 (em artigo de 1º de outubro em *O Estado de S. Paulo*), embora a literatura paulista tivesse mirrado no *day after* da grande conquista modernista, esta conquista se estabilizara em *movimento*:

Porque esta me parece a verdade mais estimulante, que convém afirmar. Os paulistas, que deram o primeiro e principal brado de alarme na renovação das artes nacionais,

¹¹ CRUZ, Estevão. *Antologia da língua portuguesa* (para uso dos alunos das cinco séries do curso de Português). Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1933, p. 14.

¹² ANDRADE, Oswald de. Apud BOAVENTURA, Maria Eugênia (Org.). *22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 108.

depois de generalizado o movimento dessa renovação, se concentram outra vez na sua bisonhice, digamos, trabalhadeira.¹³

Coincidem, pois, na apresentação do modernismo paulista como paradigma de renovação da arte nacional tanto o gaúcho autor de manuais escolares, quanto a crítica (paulista) militante.

Neste cenário de um modernismo hegemônico, cartas trocadas entre diferentes remetentes e destinatários podem matizar um pouco uma história cultural monolítica que lê a produção literária das primeiras décadas do século XX ou como marcha triunfal em direção ao modelo de modernismo proposto e praticado nos entornos da Semana de Arte Moderna, ou como decorrência dele.

A primeira destas cartas vem dos Estados Unidos, de onde, em 1930, Monteiro Lobato se dirige a Mário de Andrade:¹⁴

New York, 6 agosto, 1930

Meu caro Mário de Andrade,

Muito há de você de espantar-se com esta, vinda d'além túmulo, dum morto que você matou há três anos atrás. Mas há de tudo na vida, até mortos que escrevem cartas aos matadores.

O que me traz é um livro seu – *Macunaíma*. Tenho cá um editor que deseja conhecê-lo, com palpite que é coisa editável em inglês. Se você está por isso, mande-me um exemplar e se achar que um morto pode representar um vivíssimo, mande também autorização para eu tratar com o homem.

É incrível como dá voltas o mundo! Vou eu ajudar o Mário a publicar-se neste país e ajudar na tradução. Vou sair da cova só para isso. Depois recolherei de novo, porque não existir é a delícia das delícias, meu caro Mário.

Hurry up. Manda logo dois exemplares e depressa.

Do seu matado

M. Lobato

Monteiro Lobato 3505 Broadway, New York City

¹³ ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. Ed. cit., p. 110.

¹⁴ A carta faz parte do Fundo Monteiro Lobato, sob o MLb 3.1.00169 cx3.

A carta, modernosamente datilografada, sugere uma cartografia alternativa para a *cidade das letras*.

Em seu primeiro parágrafo, o signatário se apresenta, à semelhança do defunto autor Brás Cubas, como *correspondente póstumo*. As alusões mortuárias (*além túmulo, morto, matou há três anos atrás*) referem-se a um curioso capítulo das relações de Monteiro Lobato com o modernismo paulista. Em 13 de maio de 1926, Mário de Andrade, no jornal carioca *A Manhã*, divulga o artigo “*Post-scriptum pachola*”, no qual, com ironia fina e ferina, *mata* Monteiro Lobato, então vivendo no Rio de Janeiro, para onde se mudara na esteira de uma dolorosa falência comercial.¹⁵

[...] O telégrafo implacável nos traz a notícia do falecimento de Monteiro Lobato, o conhecido autor de *Urupês*. Uma das fatalidades de que sofre a literatura nacional é essa das Parcas impacientes abandonarem no começo o tecido de certas vidas brasileiras que se anunciavam belas e úteis. Muitos literatos têm desta maneira partido pro esquecimento em plena juventude mal deram com a obra primeiro vislumbre gentil de seu talento e possibilidades futuras.¹⁶

A ironia começa por inventar uma suposta notícia da morte de Monteiro Lobato e prossegue referindo-se ao escritor como um iniciante que apenas deu “vislumbre gentil de seu talento e possibilidades” futuras. E a ironia cresce ao limitar a bibliografia lobatiana a seu título de estreia quando, na realidade, entre a publicação de *Urupês* (1918) e a publicação do artigo (1926), os títulos lobatianos já haviam vendido mais de cem mil exemplares, como mostra a tabela ao lado:

15 Cf. BIGNOTTO, Cilza C. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

16 PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. São Paulo: Anpocs/EDUSC, 2003, p. 31. Cf. também textos jornalísticos de Mário e Lobato no artigo “Arqueologia de uma polêmica”, de Vladimir Sacchetta, em *Cult*, Revista Brasileira de Cultura, São Paulo, nº 57, ano V, maio 2002.

TABELA 1: TIRAGEM E VALOR GLOBAL DAS OBRAS DE MONTEIRO LOBATO EDITADAS ENTRE 1918-1925¹⁷

OBRA	TIRAGEM	TOTAL BRUTO
<i>Urupês</i> (1ª ed. 1918)	30.000	120.000
<i>Cidades mortas</i> (1ª ed. 1919)	23.000	92.000
<i>Ideias de Jeca Tatu</i> (1ª ed. 1919)	12.000	48.000
<i>Negrinha</i> (1ª ed. 1920)	25.000	100.000
<i>Onda verde</i> (1ª ed. 1921)	12.000	48.000
<i>Problema vital</i> (1ª ed. 1918)	2.000	4.000
TOTAL	104.000	412.000

Em belo e penetrante estudo, Enio Passiani analisa o artigo de Mário de uma perspectiva bourdieusiana, lendo-o, pois, não como documento de uma polêmica estética, porém como peça de artilharia na luta pela hegemonia no campo das letras. Esta abordagem ganha mais sentido se lembrarmos que em 1926 a Semana de Arte Moderna paulista tinha quatro anos e Mário de Andrade trinta e três. E, como bem aponta Passiani, o artigo de Mário de Andrade foi escrito num momento de extrema fragilidade de Lobato: com quarenta e quatro anos, falido e desempregado no Rio de Janeiro, ele era, em 1926, ex-proprietário e ex-editor da ex-poderosa editora paulista Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato.

É na esteira desta falência que Monteiro Lobato é nomeado adido comercial da representação diplomática brasileira nos Estados Unidos e se muda para Nova Iorque, de onde envia a Mário de Andrade a carta anteriormente transcrita.

A carta de Lobato é curta, divertida e objetiva: informa Mário de Andrade do interesse de um editor norte-americano em publicar *Macunaíma*, obra saída no Brasil em 1928, em edição de 800 exemplares financiados pelo autor, que os imprimiu na tipografia de Eugênio Cupolo.¹⁸ A carta anuncia ainda a disponibilidade de Monteiro Lobato para intermediar a transação e inclusive *ajudar na tradução*.

As mal traçadas lobatianas soam generosas.

17 Esta tabela foi construída a partir de dados constantes de carta de Octales Marcondes Ferreira a Monteiro Lobato, de 1941, no Fundo Monteiro Lobato, sob código MLb 3.2.00407 cx9.

18 ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* (o herói sem nenhum caráter). Edição crítica de Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

Mas nelas também ressoa um eco malicioso se se imaginar o hipotético prazer que pode ter tido Monteiro Lobato ao fazer um favor a um colega de ofício com quem tivera um esbarrão mal resolvido. A oferta de intermediação para tradução de um livro de Mário e a conseqüente chance de circulação deste em outro mercado/leitorado se acompanham – digamos, estilisticamente – da retomada do artigo de 26. O anglicismo *hurry up* do parágrafo final repete-se em outras cartas lobatianas escritas nos Estados Unidos e dá um toque cosmopolita ao texto, cosmopolitismo de resto referendado pelo endereço que fecha a carta.

Chegada a seu destino, a carta parece ter gerado desdobramentos muito interessantes, alguns dos quais, por enquanto, podem apenas ser presumidos. A imaginação presume desencontradas reações de Mário a esta oferta de Lobato. *Lobato falava sério? Era possível confiar nele? Deveria acreditar na proposta e aproveitar a chance?*

Parece que Mário discutiu a proposta com a família e com amigos, entre os quais Manuel Bandeira. Carta deste, de agosto de 1930, permite uma reconstrução bastante verossímil da recepção da oferta lobatiana pelo autor de *Macunaíma*:

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1930

Mano Mário.

[...]

Desde saída tive boa impressão do caso Monteiro Lobato. E quando vi o seu irmão botando água na fervura não duvidei mais do meu juízo. Você deve topar com o Lobato, mas... *garantindo-se* mediante contrato em regra. Atenção: não fazer contrato epistolar que o safado foi assim que me roeu a corda. O Lobato já conhece o meio editorial americano onde publicou *O choque das raças*; é funcionário consular; controlará a tradução; tudo vantagens sobre a tal proposta da Margaret Richardson, que de resto não deu mais sinal de vida (aliás, nada prendia você a ela).

[...]

Mas falta falar sobre o caso Lobato propriamente. O que ele fez comigo e que creio foi o mesmo que fez com você, não é coisa que impeça reatamento de relações não íntimas como esta, proposta agora, de interesses comerciais envolvendo um serviço

bem relevante, não só para o Brasil como para a ciência folclórica em geral. Não haverá quebra nenhuma de orgulho em aceitar entendimento com ele. Creio que estou falando com isenção, quer dizer, pondo de parte a torcida alvoroçada do amigo que deseja uma reparação sob forma de sucesso no estrangeiro para o livro que a burrice nacional não levou na merecida conta [...].¹⁹

A carta de Bandeira transborda de afetividade, a começar pela intimidade do vocativo *mano Mário*, espécie de contracanto ritmado e musical do afetivo *Manu* com que Mário trata o amigo poeta. Bandeira é francamente favorável a que Mário aceite a mediação de Lobato sem deixar, no entanto, de lembrar a ele a necessidade de salvaguardar seus interesses autorais.

Numa ainda tão pouco conhecida história da profissionalização do escritor brasileiro,²⁰ as considerações de Manuel Bandeira ganham grande importância pelo que sugerem das *formas* de contrato editorial vigentes na época, bem como de algumas das *figurações* que compunham, na imaginação dos que circulavam pela cidade das letras, a identidade de *autor* e *editor*. Monteiro Lobato é *safado* por *ter roído a corda*.

Ainda magoado por Monteiro Lobato não lhe ter publicado um livro – como havia sido acordado entre ambos²¹ –, Manuel Bandeira dá instruções detalhadas a Mário sobre como se prevenir para não ser ludibriado como julga ter sido. Aconselha o amigo a *garanti(r)-se mediante contrato em regra*, a *não fazer contrato epistolar* e vê em Monteiro Lobato alguns atributos que podem trabalhar a favor de uma bem-vinda publicação de *Macunaíma* nos Estados Unidos.

Ao discutir o *capital simbólico* de que dispõe Monteiro Lobato para facilitar uma publicação norte-americana de *Macunaíma*, Bandeira menciona a familiaridade de Lobato com o meio editorial norte-americano, alude (equivocadamente, porém num equívoco talvez induzido pelo próprio Lobato) à publicação norte-americana de *O presidente negro* (obra que Monteiro Lobato publicou no Brasil em 1926 e tentou em vão lançar nos Estados Unidos), sugere

19 MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: IEB/Edusp, 2000, p. 459-460.

20 Cf. BIGNOTTO, Cilza C. Op.cit.

21 Catálogo de 1923 da *Monteiro Lobato & Cia* inclui, entre as obras “a sair”, um livro de Manuel Bandeira: *Poesias*.

o peso da posição diplomática ocupada por Lobato em Nova Iorque²² e avalia positivamente um possível *controle* de Monteiro Lobato sobre a tradução do livro de Mário.

Com este último argumento, o poeta de Pasárgada parece depositar uma inesperada confiança em Monteiro Lobato, o que não deixa de ser curioso: como pode o mesmo Monteiro Lobato – que não entendera a pintura modernista de Anita Malfatti e que tinha sido incapaz, como editor, de investir em autores modernistas como o próprio Bandeira e Mário de Andrade – ser visto como *fiador* da qualidade de uma tradução de *Macunaíma* para o inglês?

Mais para frente, a carta discute diferentes tipos de relações que se estabelecem na *cidade das letras*. Ao falar de *relações não íntimas* porque *comerciais*, Manuel Bandeira traça um círculo amplo de sociabilidade no qual valores estéticos *não* contam. Ou não contam *muito*. A menção a *interesses comerciais* nas vizinhanças do que Bandeira diz constituir “um serviço bem relevante, não só para o Brasil como para a ciência folclórica em geral” é sugestiva: argumentar com *patriotismo* para que Mário de Andrade aceite a proposta de Monteiro Lobato dissolve, na atribuída *motivação patriótica*, o que quer que pudesse haver de desabonador nos *interesses comerciais* ou na *vaidade pessoal* envolvidos no projeto de tradução.

Ou seja: para Manuel Bandeira, em agosto de 1930, tratar com Monteiro Lobato não só *não desabonaria* Mário de Andrade, como, ao contrário, representaria um *serviço à Pátria*. Mas as vantagens da proposta têm ainda uma face pessoal: o poeta pernambucano sanciona completamente o *entendimento* de Mário de Andrade com Monteiro Lobato, avaliando que aceitar a intermediação de Monteiro Lobato para a tradução de *Macunaíma* não representaria *quebra de orgulho*, com o que ficamos sabendo que também este sentimento faz parte da argamassa que facilita ou dificulta as relações que se travam na *cidade das letras*.²³

22 Cf. LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato's New York*. Ensaio aceito para publicação. Revista *Brazil/Brasil*. Brown University/ PUCRS.

23 Em *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, João Cezar de Castro Rocha, ao analisar a polêmica de José de Alencar com Gonçalves de Magalhães a propósito de *A confederação dos Tamoios*, estabelece categorias de leitura para o discurso cultural brasileiro extremamente instigantes, e que também são produtivas para olhar as relações entre Monteiro Lobato e o modernismo paulista.

O mesmo parágrafo contribui com pelo menos mais dois elementos para uma compreensão maior da complexidade dos bastidores do que virá a ser mais tarde a história literária e a fortuna crítica de *Macunaíma*.²⁴ Ao considerar a rapsódia do herói sem nenhum caráter peça importante para a ciência folclórica em geral, o poeta pernambucano faz uma leitura correta da obra? Talvez não, se o padrão de leitura for o canonizado pela história literária. Também não, se se levarem em conta os esforços de Mário de Andrade para gerenciamento da recepção de sua obra: o autor da rapsódia abandona nota (originalmente prevista para definir a obra?) que registraria que “este livro não passa de uma antologia do folclore brasileiro”, bem como desistiu da denominação “romance folclórico” que dava nome ao capítulo que, como “amostra da obra”, foi publicado no segundo número da *Revista de Antropofagia*.²⁵

Pode também causar espécie a reverência que Manuel Bandeira parece alimentar pelo sucesso no estrangeiro, considerado por ele uma possível reparação para o fracasso de público da obra de Mário de Andrade no Brasil. A posição não soa curiosa num momento em que a tônica nacionalista do modernismo poderia criar expectativas de uma compreensão menos ingênua dos horizontes de expectativas do leitorado brasileiro?

Mas vamos à carta com que Mário de Andrade responde a Monteiro Lobato:

S.Paulo, 31-VIII-1930

Monteiro Lobato,

Recebi sua carta e aqui lhe mando os dois exemplares pedidos de *Macunaíma*. Está claro que uma proposta de tradução pro inglês só pode ser agradável pra um literato do Brasil. E não sou diferente dos outros, apesar de ser uma espécie de edição especial, irredutivelmente fora de mercado. Mas devo lhe confessar que vejo muito dificilmente um *Macunaíma* em inglês, ou outra língua qualquer. Careceria tirar muita coisa, e

24 Cf. RAMOS JR., José de Paula. *A fortuna crítica de Macunaíma: primeira onda. 1928-1936*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

25 ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* (o herói sem nenhum caráter). Ed. cit., p. XVI e XIX.

mais transportar que traduzir. Isso mesmo já falei ao pai de uma senhorita Margaret Richardson que se propôs a traduzir o livro. Talvez você a conheça pois ela aí vive (The Barbizon, 63rd Lexington Ave. New York City) pensando em traduzir obras brasileiras. Nunca mais recebi notícia nem dela nem do pai e creio que ela desistiu. Não competia a mim insistir, tanto mais que as propostas de contrato eram por tal forma angustiosas que me deixavam muito frio. Desse jeito prefiro ficar no Brasil que é mais quentinho. Não tenho ambições de ganhar dinheiro com literatura ou literatice, mas é sempre desagradável a gente se sentir bobizado pelos outros. Caso o editor a que você se refere se confirme em traduzir o livro, você me fará o favor de comunicar a proposta dele. Se ele quiser, que me faça também de bobo, não me importo, porém que trate de salvar as aparências, tão suavizantes e satisfatórias pra quem, como eu, vive sonhando com uma civilização que acabasse de novo com o conceito de dinheiro.

No mais, seu vingado morto-vivo, viva feliz aí no comércinho de Nova York, como e quanto quiser. Porém nada neste mundo me impede de desejar você morrendo de fome nestes brasis, vivendo de expedientes, xingando de canalha e pra baixo o Washington e o Prestes, e dando pro Brasil uns novos *Urupês*.

Cordialmente o

Mário de Andrade Rua Lopes Chaves, 108 S.Paulo²⁶

Trata-se de um texto primoroso e, como o de Lobato, datilografado.

Sem adjetivos no vocativo, a carta acusa recebimento da carta de Lobato e comunica o envio dos exemplares de *Macunaíma* solicitados. Nessa abertura, um estilo quase comercial. Este, no entanto, desmancha-se na frase seguinte, que documenta as reações de *um literato do Brasil* – como se define Mário – face a uma proposta de tradução de sua obra para o inglês.

Mário negaceia: ele *é* e *não é* como os outros (escritores). *Interessa-lhe a tradução*, mas duvida da *traduzibilidade* da obra. Aos negaceios seguem-se instigantes e muito atuais reflexões sobre a natureza da tarefa tradutória e informações sobre uma anterior proposta de tradução que ele teria recebido da mesma Margaret Richardson mencionada por Manuel Bandeira. Mas o autor de *Macunaíma* não

26 Carta depositada no “Fundo Monteiro Lobato”, sob o código MLb 3.2.00364 cx8.

parece nada entusiasmado com a oferta, considerando as condições *angustiosas*. Mário diz a Lobato que os termos do contrato deixaram-no *muito frio*, revelando-se – com esta observação – atento a questões de direitos autorais e consciente da assimetria que rege as relações escritor/editor,²⁷ assimetria que talvez seja maior quando um é da América do Sul e outro da do Norte.²⁸

Ao declarar seu desinteresse por aspectos econômicos da tradução e talvez da produção de livros (*não tenho ambições de ganhar dinheiro com literatura ou literatice*), Mário fere uma tecla sensível da modernidade: a transformação do autor em fornecedor de uma das matérias-primas envolvidas na produção de um livro, a transformação da cultura em mercadoria e de leitores em consumidores. De novo expressa-se consciência da assimetria da relação editor/editado, na confissão de que *é sempre desagradável a gente se sentir bobizado pelos outros*. Melancolicamente, Mário parece conformar-se em *salvar as aparências* e faz uma ingênua profissão de fé em uma *civilização que acabasse de novo com o conceito de dinheiro*.

O parágrafo final da carta é obra de fino mestre: nele Mário de Andrade retoma, de forma elegantíssima, o artigo em que *matara* Lobato, envelopando, no vocativo afetuosamente – *seu vingado morto-vivo* –, a designação que Monteiro Lobato se atribuía na carta de agosto. Os votos que encerram a carta – em redação informal – parecem diluir, de vez, qualquer críspação na relação intelectual e afetiva de ambos. Mário indiretamente elogia a obra de Lobato (*dando pro Brasil uns novos Urupês*) e aplaude sua atuação como cidadão (*xingando de canalha e pra baixo o Washington e o Prestes*).

Como quatro meses depois da carta – em dezembro de 1930 – um decreto de Getúlio Vargas remove Monteiro Lobato – junto com outros funcionários – do quadro do consulado brasileiro de Nova Iorque e abrevia a estada do escritor naquele país,²⁹ morre antes de começar a eventual parceria Mário de Andrade/Monteiro Lobato. Mas não morrem com isso as relações entre ambos.³⁰ Elas voltam

27 Cf. LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil* (São Paulo: Ática, 1996), particularmente o capítulo “O mercado das letras”, discussão sobre posições assumidas por Mário face à produção de livros.

28 Cf. LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura*. São Paulo: Ática, 2001.

29 Cf. linha do tempo rigorosa da biografia de Monteiro Lobato em <http://lobato.globo.com/>.

30 Em carta de 12 de dezembro de 1930 a Manuel Bandeira, a propósito da (nunca publicada, porém discutida pelo autor com a tradutora) versão norte-americana de *Macunaíma*, Mário de Andrade comenta, agora de forma desconfiada, o papel de Lobato na oferta da tradução de *Macunaíma*.

a expressar-se epistolarmente quase dez anos depois, em outra carta, ainda de Monteiro Lobato, mas para outro destinatário: o escritor paulista Flávio de Campos (1903-1947) que, em 1939, publica o romance *Planalto*,³¹ do qual Mário de Andrade se ocupa em 17 de dezembro do mesmo ano no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro.

O artigo em que Mário de Andrade menciona *Planalto* é um balanço de final de ano, que comenta diversos escritores estreados, entre os quais Flávio de Campos, cujo livro Mário diz que “exige um comentário cheio de simpatia”.³²

Com tal preâmbulo, o leitor de Mário de Andrade aguarda um julgamento favorável ao livro, e por isso talvez fique perplexo ao ser surpreendido pela avaliação do crítico, para quem o desencanto do autor [de *Planalto*] “dos homens e das ideias é o senão principal de seu livro”.³³ A esta observação, que não soa *cheia de simpatia* (como o crítico anunciara que seria sua leitura), seguem-se dez linhas que apontam outros senões do livro, restando apenas uma para os acertos.

Estabelecendo categorias pelas quais distribui os escritores de que se ocupa, Mário de Andrade inscreve Flávio de Campos na dos *definitivos*, categoria com a qual etiqueta autores “que se apresentam com uma firmeza, com uma autoridade um bocado desesperadora”, o que aflige o crítico, para quem “muitos deles são excelentes e sabemos que continuarão nos dando obras excelentes. Mas não nos dão esperanças – essa esperança feliz que a gente depõe nos que ninguém sabe onde poderão chegar”.³⁴ Esta crítica tão labiríntica parece ter desagradado ao jovem escritor que, provavelmente, queixou-se de Mário a Lobato, certamente à espera de simpatia e solidariedade.

Solidariedade e simpatia que não vieram.

Em carta ao jovem escritor, Monteiro Lobato defendeu vigorosamente o direito do crítico à sua opinião, elogiando a divergência no que tange a gosto estético:

31 CAMPOS, Flávio de. *Planalto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

32 ANDRADE, Mário de. *Vida literária*. Ed. cit., p. 131.

33 *Ibidem*, p. 131-2.

34 *Ibidem*, p. 130.

Tu és um monstro de orgulho, Flávio. Pois queres atacar ao Mário só porque ele exerceu o seu natural direito de crítica? [...] Se tiras ao crítico a liberdade de criticar, matas a crítica. [...] Mário é um grande crítico. Mário é notabilíssimo. Mário, pelo seu talento sem par no analisismo criticista, tem direito a tudo, até de meter o pau em você e em mim. Eu tenho levado pancadinhas dele. Certa feita chegou a publicar o meu necrológio. Matou-me e enterrou-me. Em vez de revidar, conformei-me, e sem mudar minha opinião sobre ele. Ainda esta semana cortei um pedaço de artigo dele sobre a nossa língua, ótimo. Mário é grande. Tem direito até de nos matar à moda dele.³⁵

Como o artigo em que Mário de Andrade se ocupa de Flávio de Campos é de 19 de dezembro de 1939, a carta de Lobato deve ser posterior a esta data. Como nela se lê, Lobato expressa profundo respeito à crítica e ao crítico, exemplificando tal respeito com sua própria história de *criticado* por Mário de Andrade.

Conforme se vê, nestas mal traçadas de 39, um Monteiro Lobato de já quase sessenta anos prega a soberania da crítica e declara profundo respeito pelo pensamento crítico de Mário de Andrade, que ele avalia como *grande crítico, notabilíssimo, talento sem par*.

Mudou o Natal, ou mudaram eles?

3. O que mudou com certeza é que em 1939, ao contrário do que sucedia em 1926, tanto Monteiro Lobato quanto Mário de Andrade já tinham suas posições consolidadas no cenário cultural brasileiro, o que não ocorria (nem jamais veio a ocorrer com Flávio de Campos), então com 35 anos. Talvez por isso se possa ler, nesta defesa de Mário de Andrade por Monteiro Lobato, a solidariedade que, na *cidade das letras*, preside às relações *inter pares*, sempre que posições de poder não estejam ameaçadas.

É um apaziguamento similar que ressalta do último texto a ser citado nestas reflexões, artigo de 26 de maio de 1940 do *Diário de Notícias*, no qual Mário de Andrade, revirando o baú das lembranças, sumariza a seu modo as idas e vindas de suas relações com Monteiro Lobato:

35 NUNES, Cassiano (Sel. e org.). *Monteiro Lobato vivo*. Ed. cit., p. 75.

[...] é certo que o artista dos *Urupês* foi o editor cauteloso e hábil, a que deve bastante a literatura brasileira. Eu mesmo lhe devo um favor que precisa ser proclamado. O sr. Monteiro Lobato, a pedido de um amigo comum daqueles tempos, prontificou-se a editar *Pauliceia desvairada* depois do merecido escândalo que causou a publicação de apenas um dos horríveis poemas desse livro. Mas o sr. Lobato hesitava muito. Não queria, naturalmente, prestar um desserviço às nossas letras, nem a mim, vago professorzinho de piano, que fazia versos malucos nas minhas horas de iluminação. E com isso os originais modorraram meses e meses a fio nas gavetas do grande editor. De vez em quando, ele retirava o manuscrito do esconderijo, percorria-lhe as páginas e sacudia a cabeça pensativo. Enfim, mandou me chamar, me acolheu muito bem, e disse franco o seu pensamento sobre o livro, ou melhor, o seu não-pensamento, pois confessou não compreender neres daquilo tudo. E me disse: “Você não poderia escrever um prefácio, uma explicação dos seus versos e da sua poética?” A ideia era esplêndida, e foi a pedido do sr. Lobato que escrevi o “Prefácio interessantíssimo”, a melhor parte do livro, na opinião dos que perdem tempo e verdade, gostando um bocado de mim. É certo que os originais acrescentados, continuaram dormindo sobre a justa inquietação do editor, até que depois de mais de ano de amadurecimento, ele os devolveu intactos. Ainda não rompi com o sr. Monteiro Lobato. Rompi depois, quando ele fez a mesma coisa, e já agora injustificadamente, com um livro de poesias do sr. Manuel Bandeira. Na primeira ocasião, matei por escrito o sr. Monteiro Lobato. Mas o sr. Lobato, que é a bondade em pessoa, não brigou comigo não. Quando estava morando em Nova York, um dia me mandou uma carta de pazes, na qual, imaginando a possibilidade de serem vertidos para o inglês certos livros meus, me propunha enviasse uma procuração que lhe permitisse cuidar dos meus interesses lá na terra grande. Infelizmente, não pude aceitar a generosidade, porque, por estranha coincidência, por esse mesmo tempo, a sra. Margaret Hollingsworth, que conhecera os meus livros, e vivia também em Nova York, já estava se dando ao trabalho de me traduzir. E seria uma indelicadeza da minha parte não tratar dos meus negócios diretamente com ela. Nada me impede que eu guarde do sr. Monteiro Lobato uma ternura imensa. Soube ser superior aos meus despeitos e me deu o “Prefácio interessantíssimo”.³⁶

36 In: *Diário de Notícias* 26.05.1940. In: ANDRADE, Mário de. *Vida Literária*. Ed. cit., p. 197-8.

A leitura sequenciada dos textos aqui reunidos sugere pelo menos duas coisas: a primeira é que a senhorita Margaret, que se propunha traduzir *Macunaíma*, casou e mudou de nome, acrescentando Hollingsworth a Richardson: é com esse nome que ela assina a tradução de *Amar, verbo intransitivo*, que lança em 1933 pela *Macaulay Company*, sob o título de *Fraulein*.

E a segunda é que Mário, traído pela memória, se esquece de que havia, sim, aceito a proposta de Monteiro Lobato de intermediar uma tradução norte-americana de *Macunaíma*.

Mas a traição da memória perde qualquer importância face à *ternura imensa* que Mário de Andrade diz guardar de Monteiro Lobato. Pois, ao fim e ao cabo, ternura, despeito e superioridade também têm peso numa concepção de história literária que faça da noção de *sistema literário* e dos rituais aí pactuados os andaimes a partir dos quais se investigam as nunca lineares relações entre autores, obras e públicos.

Assim, no que as cartas documentam desta complexa e sutil relação entre Monteiro Lobato e Mário de Andrade, vê-se como a pesquisa com a epistolografia abre um feixe de caminhos para os estudos literários.³⁷ Permite, por exemplo, sair-se do campo de uma história literária restrita, imantada quer pelo *fait divers* da vida privada, quer por relações sociais definidas por convenções, quer ainda pela discussão estética. Pode-se, talvez, pensar na epistolografia – sobretudo na correspondência entre escritores – como porta generosa para uma perspectiva de história literária articulada à noção – de Antonio Candido – de sistema literário.

Representando por excelência *forma de comunicação*, cartas trocadas entre cidadãos da cidade das letras têm grande chance de esclarecer os pactos e as mediações pelos quais autores, obras e públicos gravitam em torno uns dos outros.

No caso específico da correspondência entre Mário de Andrade e Monteiro Lobato aqui comentada, a consagrada incompatibilidade de posições estéticas torna-se menos linear no cenário mais complexo de um sistema literário no qual um escritor – qualquer escritor – é um ponto articulado de um sistema que transcende a ele.

37 Devo a Emerson Tin e a Raquel Afonso da Silva, que trabalham a correspondência lobatiana em seus respectivos doutorados, discussões extremamente fecundas sobre o papel da epistolografia nos estudos literários.

Pois a história literária é uma formação discursiva. E, enquanto discurso, não é (apenas) um conjunto de indivíduos menos ou mais dotados, nem um punhado de ideias menos ou mais originais, nem tampouco um repertório de procedimentos formais, nem mesmo uma estante de livros. É um pouco de cada uma destas coisas, mas é bem mais do que a soma delas.³⁸

Marisa Lajolo é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Estadual de Campinas; pesquisadora do CNPq.

38 Versão anterior deste trabalho foi apresentada no *Department of Spanish and Portuguese Languages and Cultures* da Universidade de Princeton em 11 de outubro de 2006, no Seminário de Literatura Brasileira coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Meira Monteiro, a quem a autora agradece o convite para a apresentação. A pesquisa da qual resulta o presente ensaio, bem como os fundos para sua apresentação em Princeton vieram da FAPESP, do CNPq e da Universidade de Princeton.